

José Roberto Santos Neves

DISCURSO DE POSSE JOSÉ ROBERTO SANTOS NEVES

CADEIRA Nº 26 AEL

Vitória, 18 de agosto de 2014

Excelentíssimo senhor presidente da Academia Espírito-Santense de Letras, Professor Doutor Francisco Aurelio Ribeiro, digníssimos acadêmicos, autoridades aqui presentes, amigos e amigas:

“A entrevista é um trabalho jornalístico-literário. Coloco-me entre os que acreditam que o jornalismo é uma espécie de literatura e, assim, estou seguindo os passos do mestre Alceu Amoroso Lima. Os jornais estão hoje muito próximos das revistas, da mesma forma que as revistas giram no tempo e se inspiram no livro.”

Tenho razões afetivas e profissionais para iniciar este discurso acadêmico com a frase citada acima. Afetivas porque ela pertence ao jornalista, escritor, poeta, artista plástico, pesquisador musical e gestor cultural Marien Calixte, a quem devo chamar de mestre, por tudo o que simboliza para a minha carreira jornalística, literária, musical e de agente público que acredita imensamente no poder transformador da arte e da cultura. As razões profissionais se devem ao fato de que, como homem sensível a essa visão de mundo humanista, Marien Calixte representa, para mim, exemplo de ética, liderança e excelência; de jornalista inovador, escritor extraordinário, poeta sensível, pintor vanguardista, gestor cultural moderno e cosmopolita. Ser humano doce e gentil, expressava generosidade ao incentivar os jovens que o procuravam no escritório onde guardava sua coleção de livros, pinturas, revistas, vídeos e discos, tendo, para com estes últimos, cuidado especial digno de um jardineiro que ornamenta, com carinho, as flores que trazem alegria e pureza aos nossos dias. Caros senhores e senhoras, essa não se trata de uma simples metáfora a

José Roberto Santos Neves

adornar este texto, e, sim, de referência direta ao pai de Marien Calixte, que exerceu o ofício de jardineiro, e do qual falaremos com detalhes adiante.

Felizmente, fui um desses jovens que desfrutaram do privilégio de aprender com o conhecimento e a vivência do mestre, sempre solícito a transmitir sua bagagem de vida àqueles que o abordavam para entrevistas, pesquisas, ou para um simples bate-papo, tendo como trilha sonora um amável elepê de Ella Fitzgerald ou Sarah Vaughan. Em função dessa relação de cordialidade e aprendizado, posso afirmar, com a sinceridade que sempre marcou minha trajetória na imprensa, que tinha por Marien Calixte o carinho, o respeito e a admiração que se tem por um pai, e qual não foi a minha alegria ao receber de sua esposa, companheira de 50 anos, e fortaleza emocional dos seus dias, Terezinha Calixte, a revelação de que também ele considerava-me como um filho.

A reflexão em que o mestre relaciona literatura e jornalismo, contida no prólogo deste discurso acadêmico, foi escrita para a apresentação do segundo livro de minha autoria, “A MPB de Conversa em Conversa”, publicado em 2007. Trata-se de uma coletânea de 40 entrevistas com grandes nomes da música popular brasileira, acompanhadas dos bastidores de cada diálogo, em que se tenta descortinar as experiências de vida e visão de mundo do entrevistado, com o objetivo de conduzir para o livro – e, portanto, transformar em fonte de referência histórica – uma abordagem jornalística que nasce sob o calor dos acontecimentos e o status do descartável.

Com notável habilidade e sensibilidade, o mestre ofereceu sua assinatura ao tomo deste jornalista que agora lhes fala, talvez, reconhecendo nele a presença viva de sua influência na área da pesquisa musical, bem como a admiração pela sua obra e o

José Roberto Santos Neves

humilde desejo, que ora se apresentava, de seguir a exuberante produção cultural que o consagrou em vida e para a eternidade.

Pois, caros senhores e senhoras aqui presentes, quis o destino que esse modesto discípulo do mestre tivesse a honraria de suceder-lhe na Cadeira Número 26 desta Academia Espírito-Santense de Letras, casa que congrega, há 93 anos, desde a sua fundação, a 04 de setembro de 1921, a nata da intelectualidade do Estado do Espírito Santo, incluindo escritores, poetas, juristas, professores, magistrados, cientistas, jornalistas e autores de gêneros literários diversos, que deixaram contribuição indelével para o fortalecimento do patrimônio cultural e o registro da memória do nosso Estado.

Compreendo a Academia Espírito-Santense de Letras como uma instituição literária que possui papel fundamental na pesquisa do manancial cultural e histórico do Espírito Santo, bem como na difusão dos autores capixabas, na formação de novos leitores e na promoção do acesso à literatura aos mais diversos setores da sociedade espírito-santense.

A cultura, como todos sabemos, é um Direito Social, previsto no artigo 215 da Constituição Federal de 1988. De acordo com a Carta Magna, o Poder Público tem a obrigação de garantir ao cidadão o pleno acesso aos seus direitos culturais, determinação que ganhou sistematização através do Plano Nacional de Cultura, no qual se articulam três dimensões: a simbólica, a cidadã e a econômica.

A Dimensão Simbólica é o aspecto da cultura que considera que todos os seres humanos têm a capacidade de criar símbolos;

A Dimensão Cidadã é o aspecto da cultura que a entende como um direito básico do cidadão;

A Dimensão Econômica é aquela que considera a cultura como vetor econômico.

José Roberto Santos Neves

Entendo que a elaboração do Plano Nacional de Cultura reconhece a atuação de entidades da sociedade civil organizada, como a Academia Espírito-Santense de Letras, que, ao longo das suas nove décadas de existência, realizou várias ações relacionadas à construção e difusão de políticas públicas para a cultura. Esta casa de escritores que cultivam olhar sensível e abrangente sobre a realidade social e histórica do Espírito Santo destaca-se como referência neste sentido, mas ainda há muito a se desenvolver na esfera cultural e literária capixaba, e esse foi um dos principais motivos pelo qual submeti meu nome à apreciação dos ilustres acadêmicos que integram essa nobre instituição. Pois, como afirma o célebre cantor, compositor e ex-ministro da Cultura, Gilberto Gil, “o povo sabe o que quer, mas também quer o que não sabe”. Cabe, portanto, a instituições como a Academia Espírito-Santense de Letras ir a campo, “aonde o povo está” - como apontaram Milton Nascimento e Fernando Brant na canção “Nos bailes da vida” -, para compartilhar o vasto conhecimento de seus intelectuais em prol da construção de uma sociedade mais justa, humana e desenvolvida. Partimos da perspectiva de que a literatura proporciona, àqueles que são tocados por sua magia, riquezas diversas como sensação de pertencimento, identidade, criatividade, autoestima, cidadania, visão holística do mundo e, acima de tudo, a felicidade.

Senhoras e senhores, mesmo tendo o poeta, psicanalista e imortal, Sr. Ítalo Campos, elaborado um amplo perfil sobre minha vida pessoal e profissional, atendendo a uma tradição desta prestigiosa Academia de Letras, cumpro, aqui, o dever de tecer breves considerações sobre as quatro décadas de estrada que conduziram-me até esta honrosa instituição.

A literatura sempre esteve ligada à minha vida, desde a mais tenra idade, por influência direta do avô, Guilherme Santos Neves, dos tios Luiz Guilherme e Reinaldo, dos pais, João Luís e Iedda, e dos irmãos Guilherme Neto, Mária e João

José Roberto Santos Neves

Paulo. Diálogos sobre livros, discos, filmes e, especialmente, a cultura popular – fruto da monumental pesquisa desenvolvida por Mestre Guilherme no campo do folclore – eram recorrentes nos almoços de domingo e nos encontros dos Santos Neves.

Na juventude, época em que o país respirava os ares da redemocratização, após 21 anos de ditadura militar, vivi a efervescência da paixão pela música, tornando-me baterista de bandas de rock, no momento em que o Brasil entrava definitivamente na rota dos grandes festivais internacionais de música, com o Rock in Rio I, em 1985. Essa ligação com a música viria a pautar parte significativa da minha produção literária, registrada a partir dos anos 2000, nos livros “Maysa” (2005), “A MPB de Conversa em Conversa” (2007) e “Rockrise – A História de uma geração que fez barulho no Espírito Santo” (2012).

Em “Maysa”, mais do que mergulhar na vida da cantora cujos olhos Manuel Bandeira definiu como “dois oceanos não-pacíficos”, e de reconstituir sua trajetória de glórias e fracassos, paixões avassaladoras e angústia existencial, procurei, humildemente, seguir o ensinamento do escritor austríaco Stefan Zweig, autor aclamado mundialmente pelas notáveis biografias, que dizia “ser mil vezes mais fácil reconstruir os fatos de uma época do que sua atmosfera emocional”. Transportar o leitor ao que os alemães chamam de Zeitgeist – “espírito do tempo”, o conjunto intelectual e emocional de uma época, representa o desafio maior para os biógrafos, uma meta a ser atingida por todos aqueles que se propõem a narrar a história de uma vida, de uma instituição ou de uma geração.

Da mesma forma, mais do que livro-reportagem, considero “Rockrise” como a biografia de um movimento musical, por unir aos preceitos básicos do jornalismo – apuração, pesquisa, neutralidade, objetividade – o conceito de atmosfera emocional decantado pelo supracitado Stefan Zweig, dentro de um determinado período

José Roberto Santos Neves

histórico – no caso, as décadas de 1960 a 1990 do século XX, tendo como cenário os acordes e batidas produzidos pelos jovens e sonhadores roqueiros capixabas.

Sob esse prisma, coloco-me, portanto, entre os autores que trabalham na intersecção entre o jornalismo, a literatura e a história, diante da perspectiva da música como poderosa forma de expressão, através da qual pode-se documentar a evolução social e comportamental de uma sociedade.

Nesta ampla seara das biografias e das obras memorialísticas, elenco autores contemporâneos como Ruy Castro, Sergio Cabral, Fernando Morais, Nelson Motta, João Máximo como referências; os baluartes do New Journalism norte-americano dos anos 1950 e 1960 - Truman Capote, Tom Wolfe, Norman Mailer, Gay Talese; além de jornalistas brasileiros que trabalharam de forma brilhante o jornalismo com viés literário - entre eles Nelson Rodrigues, Rubem Braga, José Carlos Oliveira, Sergio Porto, Antonio Maria, Armando Nogueira, Jota Efegê, Olavo Bilac, Euclides da Cunha e, naturalmente, o fundador da Academia Brasileira de Letras, Machado de Assis.

Seguindo uma convenção iniciada pela Academia Francesa de Letras, e herdada por instituições literárias e de cunho linguístico em todo o mundo ocidental, entre as quais a Casa de Machado de Assis – Academia Brasileira de Letras – e a Casa Kosciuszko Barbosa Leão – que ora tenha a honra de ingressar – cumpro com o dever da tradição de destacar, em honra e mérito, a trajetória dos acadêmicos antecessores da cadeira que, hoje, recebe este novo membro.

A cadeira de nº 26, para a qual fui eleito no dia 09 de junho de 2014, tem como patrono Christiano Vieira de Andrade. Nascido em Rio Branco, MG, a 31 de julho de 1886, radicou-se no Espírito Santo, onde ingressou no Ministério Público como promotor da comarca de Itapemirim, tendo exercido idêntica função nas comarcas de Cachoeiro de Itapemirim, Itabapoana e Vitória. Exerceu, também, cargos eletivos,

José Roberto Santos Neves

como o de presidente do Conselho Municipal de Itabapoana e o de deputado estadual. A partir de 1892, trilhou prolífica carreira na magistratura, como juiz de Direito em Rio Pardo - hoje Iúna -, Ibirapu, Guarapari, Afonso Cláudio e Santa Leopoldina. Em 1926, tornou-se desembargador, título que o levou à presidência do Tribunal de Justiça do Espírito Santo em 1931, aposentando-se no ano seguinte, quando retornou às atividades políticas, como deputado da Assembleia Legislativa do Estado, cuja presidência exerceu em 1936. Faleceu em Vitória, em 27 de maio de 1938. Homem de notório saber, escritor e jornalista, não quis, contudo, reunir, em volume, os muitos trabalhos que divulgou através da imprensa espírito-santense.

O primeiro nome a suceder-lhe como ocupante da cadeira nº 26 foi Ernesto da Silva Guimarães, natural de Niterói, RJ, nascido a 02 de março de 1897. Bacharelado pela Faculdade de Direito do Rio de Janeiro, transferiu residência para o Espírito Santo em 1923, ingressando na magistratura vitalícia no ano seguinte. Foi juiz de Direito nas comarcas de Anchieta, São José do Calçado, Colatina e Vitória, sendo promovido a desembargador em 1946. Exerceu a vice-presidência e a presidência do Tribunal de Justiça do Estado, nos anos de 1952 e 1953, sucessivamente, assim como a presidência do Tribunal Regional Eleitoral, aposentando-se em 1957. Foi, ainda, professor de Direito Civil da Faculdade de Direito do Espírito Santo, conferencista, teatrólogo e poeta, tendo publicado 18 títulos sobre diversos campos do conhecimento, incluindo teses, discursos, comédia-canção, comédias, dramas, poemas, sonetos e biografias. Faleceu em Vitória, a 03 de setembro de 1960.

Segue-se a ele o capixaba Norbertino dos Santos Bahiense, cuja vasta contribuição para a historiografia do Espírito Santo merece estudo mais aprofundado, dado a rica bibliografia deixada pelo autor e a relevância de sua obra para a compreensão da cultura popular que floresce em terras capixabas. Norbertino dos Santos Bahiense tornou-se membro do Instituto Histórico e Geográfico do Espírito Santo em 1947,

José Roberto Santos Neves

tendo publicado uma dezena de títulos ligados, em sua maioria, a personalidades, fatos e monumentos fundamentais para a história do Espírito Santo, entre os quais, podemos citar *O Convento da Penha*, prêmio Cidade de Vitória (PMV), 1951; Afonso Cláudio, discurso proferido na inauguração de seu busto, na Praça Costa Pereira, em 1959; *Domingos Martins e a Revolução Pernambucana de 1817*, prefácio de Barbosa Lima Sobrinho, 2ª edição, Belo Horizonte, Editora Littera Madel Ltda., 1974.

Pesquisador das tradições do povo capixaba, Norbertino dos Santos Bahiense registrou para a posteridade o ato heroico do pescador Caboclo Bernardo, que, em 1887, salvou 128 tripulantes do Cruzador Imperial Marinheiro, da Marinha Imperial do Brasil, que naufragara diante do mar violento no litoral de Regência, distrito do município de Linhares. Graças à meticulosa pesquisa de Norbertino dos Santos Bahiense, publicada em *O Caboclo Bernardo. O Naufrágio do Imperial Marinheiro, RJ. 1971*, o nome do herói passou a ser integrado à paisagem urbana de Vitória, batizando logradouros e tendo bustos figurativos erguidos em sua homenagem.

Já o terceiro ocupante da cadeira nº 26 desta ilustre instituição, à qual tenho a honra de suceder, é o querido mestre, amigo, jornalista, escritor, poeta, artista plástico e gestor cultural Marien Calixte. Nascido no Méier, Rio de Janeiro, a 20 de outubro de 1935, Marien Calixte herdou do pai francês o patronímico – uma mistura de Marien, nome franco-austríaco que significa Mariano, e Calixte, de origem árabe – e também a arte da jardinagem, que cultivou durante anos em sua casa, na Mata da Praia. Apaixonado por Vitória, cidade à qual chegou ainda na infância, dedicou boa parte de sua vida a exaltar as belezas da ilha que o acolheu e na qual construiu, com inefável brilhantismo, uma carreira pessoal e profissional marcada por uma série de êxitos – ou, melhor dizendo, de vitórias -, ratificando esse amor com visões múltiplas, coroadas de delicadeza. Talvez o mais conhecido desses olhares seja o slogan “Viver é ver Vitória”, criado por Marien em 1968, quando exercia o cargo de diretor de Turismo e Certames da Prefeitura Municipal de Vitória. Sobre a infância, a

José Roberto Santos Neves

perda prematura do pai e o encantamento pela Capital do Estado do Espírito Santo, transcrevo suas próprias palavras, publicadas em entrevista concedida a Jeanne Bilich e Xerxes Gusmão Neto para a Revista Essa, edição de fevereiro de 2006:

“Creio ser, sobretudo, uma pessoa apaixonada pela cidade de Vitória. A despeito de não haver aqui nascido. Cheguei garoto em companhia da minha mãe, Euthália – essa sim, capixaba, nascida e criada em Vitória – e dois irmãos. A família procedia do Rio de Janeiro, em virtude do precoce falecimento do meu pai. Aliás, de quem muito me orgulho tendo, inclusive, herdado o nome. Marien Calixte foi um combatente no Exército francês durante a I Grande Guerra, cujo ofício era jardineiro e horticultor.”

Marien Calixte – o filho do jardineiro - cresceu rodeado de música, livros, revistas sobre cinema e, principalmente, daquele companheiro inseparável que o acompanharia por toda a vida: o rádio. Nascido em plena Época de Ouro da música brasileira – período que compreende os anos de 1930 a 1945 – era compreensível que se fascinasse pelo mistério do rádio, que, rapidamente, tornou-se veículo de integração nacional, produzindo assim os primeiros ídolos da música. Em 1943, juntamente com o amigo Oswaldo Oleari, conquistou o posto de locutor no serviço de alto-falantes de Jardim América, bairro de Cariacica onde residia com a família, passando, a seguir, a exercer a função de locutor de parques de diversão. Na juventude, enquanto o cinema americano refletia os horrores da Segunda Guerra Mundial, Marien Calixte elaborava seu conhecimento sobre a sétima arte a partir da leitura da revista Cahiers Du Cinema, influência direta do irmão mais velho, Darcy.

A paixão pelo cinema, o jornalismo e o radialismo levou-o à sede do jornal A Tribuna, então situada na Av. Capixaba, em frente ao Mercado da Capixaba, onde também estava instalada a Rádio Espírito Santo, motivado pelo desejo de oferecer seus serviços como repórter e crítico de cinema. É verdade que nunca fizera uma

José Roberto Santos Neves

entrevista antes. No entanto, diante da audácia do jovem aspirante a jornalista, o secretário de redação, Adam Emil Czartorisky, lhe propôs um teste: entrevistar um violonista capixaba que acabara de retornar da Europa com uma merecida distinção na bagagem. Seu nome? Mauricio de Oliveira. Quiseram os deuses do destino que Marien Calixte estresse na imprensa lançando luz sobre o maior músico do Espírito Santo, que, naquele ano de 1955, chegara da Polônia com o troféu de segundo lugar conquistado no Festival de Música de Varsóvia com a sua “Canção da Paz”. A partir daquele encontro – que, diga-se de passagem, rendeu a vaga de repórter a Marien – nasceu uma relação de amizade e admiração que se estendeu até os últimos dias de Mauricio de Oliveira, cuja história de vida Marien Calixte teve a primazia de desvendar no livro “O Pescador de Sons - Mauricio de Oliveira”, de 2001.

Uma vez contratado por A Tribuna, Marien Calixte usou do seu habitual entusiasmo para fazer um teste como rádio-ator na Rádio Espírito Santo, numa época em que a emissora capixaba detinha, em nível estadual, prestígio semelhante ao da Rádio Nacional em todo o país, contando em sua grade de programação com novelas e programas de auditório, além de dispor de duas orquestras, dois regionais e uma redação com 30 jornalistas. Aprovado novamente, passa a desempenhar as funções de repórter e locutor comercial na Rádio Espírito Santo. Por influência do locutor José Américo do Vidigal, compartilhou sua paixão pelo cinema por meio do programa “Cinelândia Capixaba”, pautado por comentários sobre a sétima arte e a veiculação de trilhas sonoras dos filmes em cartaz.

Foi na Rádio Espírito Santo que Marien Calixte veio a criar um dos mais longos e ininterruptos programas musicais de rádio a manter-se no ar, atividade que o credenciaria a entrar para o “Guinness – o Livro dos Recordes”: “O Som do Jazz”. Concebido em 1958, inicialmente como um quadro para o programa “A Voz da América”, de José Américo do Vidigal, “O Som do Jazz” ganhou vida própria com a

José Roberto Santos Neves

partida de Américo para os Estados Unidos, momento no qual Marien Calixte passa a ocupar a faixa na íntegra. Durante 55 anos, o radialista cumpriu o ofício de irradiar, para todo o Espírito Santo, por meio de diversas emissoras – Rádio Espírito Santo, Cariacica FM, Tribuna FM e, por último, a Universitária FM – a fina flor do jazz mundial, tarefa que se materializaria também na forma de shows internacionais e festivais realizados em Vitória, como se verá adiante.

No final dos anos de 1950, o múltiplo Marien Calixte inova novamente ao se firmar como o primeiro disc-jóquei de Vitória. Seu palco é a boate do Clube Vitória, onde promove a discotecagem de animados bailes para a alta sociedade capixaba, em sintonia com a linha evolutiva da música popular brasileira, que, àquela altura, respirava os novíssimos ares da Bossa Nova, com sua estética baseada em romances tropicais, vocalizações suaves e elegia do amor, do sorriso e da flor. Sob a égide do seu tempo, Marien captou com antenas sensíveis a transformação de um país que vivia a euforia do governo desenvolvimentista de JK, pavimentado com o lema “50 anos em 5”, que se apresentava para o mundo, musicalmente, a bordo dos acordes de João Gilberto, a música de Tom Jobim e a poesia de Vinicius de Moraes.

Se a música sempre esteve ao seu lado, o mesmo pode ser dito em relação ao jornalismo. No final dos anos 50, a convite de Setembrino Pelissari, que Marien conheceu na boate do Clube Vitória, o jovem repórter transfere-se para O Diário, onde passa a assinar a coluna “Evidência Chopp”, sobre a vida social de Vitória. Em O Diário, Marien convive com uma geração de colaboradores cujos nomes vão coincidir com o cenário jornalístico, político, cultural e empresarial capixaba dos anos seguintes, como Esdras Leonor (“Vitória Confidencial”), Mário Gurgel, Antonio José Miguel Feu Rosa, Xerxes Gusmão Neto, Cláudio Antonio Lachini, José Carlos Risk, Mário Petrocchi, Jeovah Barros.

José Roberto Santos Neves

Em sintonia com o jornalismo independente e provocativo de “O Diário”, Marien Calixte passa quase toda a década de 1960 no jornal, onde desempenha as funções de Chefe de Redação, Secretário de Redação, colunista e crítico de cinema. Em “O Diário”, ele amplia o espaço para o noticiário cultural e introduz a poesia no periódico.

Na vida pessoal, em 1960, Calixte conheceu a jovem jornalista Terezinha, com quem veio a se casar quatro anos mais tarde. O casal de jornalistas solidificou os laços matrimoniais em uma celebração no Colégio Salesiano, e a união gerou dois filhos: Daniela, nascida em 1966, e Luís Henrique, em 1968. Mais do que companheira de toda uma vida, Terezinha tornou-se o porto seguro de Marien, a sólida base amorosa e emocional sobre a qual o mestre edificou sua notável carreira.

A década de 1970 começa com o retorno de Marien Calixte ao jornal A Tribuna, a convite de Plínio Marchini, onde atuou nas áreas de Economia e Turismo, e com uma passagem como correspondente do Jornal do Brasil, onde teve a oportunidade de trabalhar com o mestre Alberto Dines. **Em 1973**, atendendo ao chamado de Carlos Lindenberg Filho, o Cariê, Marien Calixte chega à redação de A Gazeta com a tarefa de implementar uma grande reforma no jornal. Entre suas principais intervenções destacam-se o moderno projeto de diagramação, inspirado em O Jornal do Brasil; a criação do segundo caderno, com o nome de Agenda; a divisão do periódico em editorias, as mudanças na editoria de Economia, a criação da charge e da tira em quadrinhos de Milson Henriques, com a personagem Marly, que permanece até hoje em circulação no Caderno Dois. A inserção do nome do fundador do jornal, Thiers Velloso, na primeira página, bem como a criação de uma logomarca para o veículo também estão entre os frutos da ampla reforma coordenada por Marien Calixte em A Gazeta. Para efetivar essas mudanças, o jornalista contou com o talento de jovens e excepcionais profissionais como Erildo dos Anjos, Sérgio Egito, Lena Mara, Janc, Beth Madeira, Marzia Figueira, Hélio Dórea, entre tantos outros.

José Roberto Santos Neves

Diante desse conjunto de ações, é justo que Marien Calixte receba o título de “pai do jornalismo cultural do Espírito Santo”, honraria que o próprio recusou em vida, apesar de ele reconhecer o seu papel na construção de um conceito voltado para a difusão das artes na imprensa capixaba.

Marien Calixte levou para o serviço público a mesma excelência com a qual construiu sua carreira no jornalismo. Durante a primeira gestão do prefeito de Vitória, Setembrino Pelissari (1967-1970), ocupou o cargo de diretor de Turismo e Certames, período no qual contribuiu para a fundação do Museu de Arte Moderna de Vitória.

Nos anos 1970, torna-se diretor do Teatro Carlos Gomes e diretor-presidente da Fundação Cultural, atual Secretaria de Estado da Cultura, na gestão do governador Elcio Alvares (1975-1979). Durante os dois últimos anos de governo, desenvolve uma série de ações que marcaram profundamente a vida cultural do Estado, dentre as quais podem-se elencar a reforma no Teatro Carlos Gomes, o Projeto Pixinguinha, o Projeto Moqueca e a vinda de astros da música mundial a Vitória: Sarah Vaughan, Dave Brubeck, Art Blakey and Jazz Messengers, Astor Piazzola. Em sua gestão, o Teatro Carlos Gomes recebeu a Orquestra Sinfônica de São Paulo, sob a regência de Edgar de Carvalho; e a estreia internacional da peça “A Mãe”, com Teresa Raquel no papel principal e o ator José Wilker, então iniciante na carreira. Outro marco indelével da passagem de Marien Calixte à frente da Fundação Cultural foi a construção, com verbas federais, da sede da Biblioteca Pública do Espírito Santo Levy Cúrcio da Rocha, onde – por, talvez, mais um reconhecimento dos deuses - celebramos essa solenidade histórica em sua homenagem.

A paixão pela música, em especial o jazz, levou-o a impulsionar numerosos movimentos musicais em Vitória. Um dos mais representativos deles foi o Vitória

José Roberto Santos Neves

Jazz Festival, que começou na década de 1980, ao lado de amigos como José Carlos Saleme, Rogério Coimbra, Afonso Abreu, Marco Antonio Grijó e Luiz Paixão, e ganhou contornos profissionais com uma série de 10 edições anuais, encerrada no início dos anos 1990 por falta de apoio governamental. Mais um fruto do mestre que deixou saudades.

Senhoras e senhores, uma vez abordada a carreira jornalística e de gestor cultural de Marien Calixte, vamos nos ater, agora, à sua vasta produção literária, devidamente registrada em contos, poesia, ficção científica, biografias, odes e literatura infantil.

Marien Calixte é o responsável por introduzir dois gêneros na literatura capixaba: a ficção científica e a poesia haikai. O primeiro teve como marco o livro “Alguma coisa no céu”, de 1985, que ganhou três edições: no Rio de Janeiro, em São Paulo e na Itália. Composto por seis contos, o volume conjuga nomes e lugares verdadeiros com narrativa ficcional, valendo-se da beleza geográfica do Espírito Santo como cenário. Em um deles, intitulado “Pedra dos Dois Olhos” – ambientado em Tabuazeiro, bairro de Vitória –, a ilha de Vitória afunda devido ao excesso de peso, sobrando um único sobrevivente que vai, então, morar na Pedra dos Dois Olhos, e passeia de barco sobre a ilha submersa. Terá sido essa uma premonição do mestre, diante das catástrofes ambientais assistidas por um mundo atônito no século XXI? O que sabemos é que, independentemente da resposta da natureza aos danos causados pelo bicho homem, a excelência das narrativas curtas de Marien Calixte rendeu-lhe o convite para integrar as antologias “Enquanto Houver Natal – Oito estórias de ficção científica” (1989, Editora GRD); “Estranhos Contatos: Um Panorama da Ufologia em 15 Narrativas Extraordinárias” (1998, Caioá Antologia) e o segundo volume dos “Melhores Contos Brasileiros de Ficção Científica” (2010, Editora Devir).

José Roberto Santos Neves

A poesia haikai entrou na vida de Marien Calixte na década de 1950, por meio de um filme de Akira Kurosawa. Desde então, o jornalista sempre manteve o encantamento por essa forma poética de origem japonesa, que valoriza a concisão e a objetividade. Em 1990, incentivado pelo editor Massao Ohno, reuniu algumas dessas criações acalentadas há anos na obra “O Livro de Haikais”, que ganhou versão bilíngue, em português e italiano, em 1994, denominada “Atlântico”. Em “O Livro de Haikais”, o leitor encontrará um recorte da expressão poética de Marien Calixte em versos repletos de lirismo, sensibilidade e precisão. Transcrevo, a seguir, alguns deles:

*O mundo após
faz antigo o sulco
que se extrai agora.*

*

*Dorme comigo
a palavra
sem temor do sonho.*

*

*Evapora-se o rastro
na memória.
Já amei este nome.*

*

*Uma parte de mim
sofre. A outra des-
vencilhou-se.*

*

*Tropeço e caio
levanto
me distraio.*

José Roberto Santos Neves

*

*Só me dou
se me é dado
amando.*

Complementam a produção poética de Marien Calixte as obras **Não Amarás**, São Paulo, editada por Massao Ohno, em 1991; **Lua Imaginária**, São Paulo, novamente pela Editora Massao Ohno, de 1994; **Le Vent de L'Autre Nuit - "O Vento de outra Noite"**: poemas bilíngües: francês e português, Vitória: Aliança Francesa, 1996; a edição alemã deste livro, de 1997; e **Evocação da Ilha de Vitória**, em duas edições, de 1995 e 1999, do qual extraímos esta singela demonstração de amor pela capital do Espírito Santo:

*Para apreciar uma ilha
recomenda-se ficar a sós
Quando partilhada,
Uma outra ilha será.*

E, por fim, o derradeiro livro, **Herança do Vento**, lançado em 13 de dezembro de 2006, sob a chancela da editora Cidade Alta, uma coleção de haikais de seus livros anteriores, como esse belo exemplar que parece dialogar com a canção "Preciso aprender a ser só", de Marcos Valle e Paulo Sérgio Valle, imortalizada na voz de Maysa, que Marien Calixte teve a oportunidade de conhecer e entrevistar:

*Amar não exclui
a solidão, esse indivi-
sível fardo*

José Roberto Santos Neves

O mesmo livro traz, ainda, poemas avulsos do autor publicados em coletâneas na Itália, Alemanha e França, e dois artigos da escritora e tradutora Olga Savary, um sobre a história do haikai e outro sobre a produção de Marien Calixte dentro desse gênero literário.

Some-se a esses trabalhos individuais a participação em antologias poéticas e publicações especializadas, como **100 Haicaístas Brasileiros**, publicado pela Editora Massao Ohno, São Paulo, 1990; **Anto**, revista Semestral da Cultura, Portugal, Amarante Cultura, 1999; **A Poesia do Espírito Santo no Século XX**, organizado por Assis Brasil, em 1998; e “O Nobre animal da Noite”, editado em italiano e em alemão, Itália, 1996.

No campo da biografia e dos estudos sobre a cultura e a história do Espírito Santo, a contribuição de Marien Calixte também se faz significativa. A mesma se verifica, inicialmente, com a biografia “Florentino Avidos”, publicada em 2001, sobre o presidente do Espírito Santo (1924-1928) e senador (1929-1930) durante a República Velha.

A biografia seguinte representou um reencontro do jornalista e escritor com o seu passado afetivo e a celebração de uma amizade que atravessou cinco décadas: em “O Pescador de Sons”, Marien Calixte descreveu, com razão e sensibilidade - parafraseando a romancista britânica Jane Austen -, a vida e a obra do violonista e compositor Maurício de Oliveira, considerado o maior músico do Espírito Santo, 50 anos após ter estreado na imprensa entrevistando o próprio Maurício. Nos anos que se passaram, biógrafo e biografado mantiveram uma bonita relação de respeito e admiração. Ambos consagraram-se em suas respectivas áreas.

José Roberto Santos Neves

Para coroar este encontro histórico, o violonista gravou um CD especialmente para este fim, incluindo choros e composições de tom erudito. E, note-se, senhoras e senhores, que se trata de uma biografia feita em vida, o que dispensa a percepção de um especialista nessa seara, Ruy Castro: a de que o biógrafo pretende se apoderar da alma do biografado, quando, na verdade, durante a produção de uma biografia, ocorre exatamente o fenômeno contrário: é o biografado quem se apodera da alma do biógrafo. De minha parte, ousou afirmar que, nesse encontro de gigantes da cultura capixaba, a alma de ambos amalgamou-se em uma só, cabendo a nós, meros leitores e admiradores, a aprazível tarefa de desfrutar da arte maior que os uniu.

Já a terceira biografia, Marien Calixte a fez por convite formulado pelo conselheiro do Tribunal de Contas, Enivaldo dos Anjos, que o incentivou a escrever sobre o promotor público e deputado estadual Edson Machado, por quem Marien Calixte nutria profundo respeito. Há, ainda, o perfil de Alfredo Copolillo, o primeiro distribuidor de jornais e revistas do Espírito Santo, retratado pelo jornalista para o volume “Imprensa”, que integra a Coleção “Escritos de Vitória”, da Prefeitura Municipal de Vitória.

O espectro literário de Marien Calixte estendeu-se à literatura infantil, gênero no qual o autor desenvolveu, juntamente com Milson Henriques e Celso Mathias, uma coleção de títulos de caráter eminentemente lúdico, entre os anos de 1970 e 1980. Compõem esse mosaico de letras e ilustrações voltados para a pureza das crianças os volumes “Os dois anjos da guarda de Luísa”, “O vagalume e o violinista”, “O caracol e a plantinha”, “O Coelho Zélio inventa uma orquestra”, “O cabrito bebê passeia na nuvem”, todos publicados pela editora Sem Fronteiras.

Das letras, partimos para as artes visuais, território em que Marien Calixte seguiu sua sina de inovar, ampliar conceitos e abrir perspectivas para a cultura capixaba. O

José Roberto Santos Neves

modernismo na pintura do Espírito Santo inaugura-se com Marien Calixte, Maurício Salgueiro, Raphael Samu e Carlos Chenier, e essa afirmação parte de uma estudiosa das artes plásticas, a professora da Universidade Federal do Espírito Santo, Almerinda da Silva Lopes, detentora de vários títulos em seu currículo, como o pós-doutorado pela Universidade de Sorbonne.

O contato de Marien Calixte com a vanguarda artística estreitou-se na década de 1960, por intermédio do artista espanhol Robert Newman, que se radicou em Vitória, trazendo, na bagagem, elementos da pintura abstrata até então inacessíveis ao público capixaba, acostumado com a pintura clássica de Homero Massena e Levino Fanzeres.

Incentivado por Newman, com quem fez grande amizade, Marien Calixte arriscou-se a transpor suas emoções para a tela, e o resultado de sua primeira série de cinco quadros foi o prêmio de Menção Honrosa no Salão Nacional de Artes. Pintor bissexto, autodidata, expôs um acervo de 32 trabalhos na Galeria Homero Massena, vendeu muitas obras, presenteou colegas, realizou doações. Ocasionalmente, retornava aos pincéis, prática que via como um refúgio de prazer e contemplação, livre das amarras e da pressão do tempo que a atividade diária do jornalismo lhe impunha. E, faz-se necessário dizer, utilizou-se dessa habilidade para abrilhantar os livros que publicou, sendo um dos mais significativos exemplos dessa união entre poesia e artes plásticas as gravuras selecionadas para o livro “Evocação da ilha de Vitória”.

Prezados senhores e senhoras, após essa modesta tentativa de se trazer para o papel a bem-aventurada passagem do mestre Marien Calixte por esta vida, é chegado o momento de agradecer. Em primeiro lugar, aos meus pais, João Luís e Iedda, por todo o amor que recebi ao longo da minha criação, a formação como ser humano, os

José Roberto Santos Neves

valores e a vida. Agradeço aos meus irmãos, Guilherme, Mária e João Paulo, por colaborarem sensivelmente para a construção da minha personalidade. Aos meus avós, em especial ao mestre Guilherme Santos Neves, o intelectual incansável e apaixonado pelas tradições do povo capixaba, a quem, carinhosamente, tive o orgulho de chamar de “vovô Guilherme”. Aos meus tios, em especial os escritores Luiz Guilherme e Reinaldo, referências incontestes na literatura estadual e nacional. À minha amada esposa, Daniella Karla Spadeto, pelo apoio emocional, por todo o amor que houver nessa vida e a paciência de conviver com um autor que, não raramente, atravessa horas e noites a fio em busca da redação perfeita. A José Irmo Gonring, escritor, poeta e dramaturgo, o meu mestre, a quem devo a noção de que o jornalismo deve ser praticado, sempre, como instrumento para se exercer a democracia e a cidadania, e alcançar a transformação social. À minha primeira editora, Andréia Curry, jornalista de faro e visão, pela coragem de apostar no potencial e nas ideias de um jovem estagiário de cabelos longos que, em plenos anos 90, ainda amava os Beatles e os Rolling Stones. Ao presidente da Academia Espírito-Santense de Letras, da qual tenho agora a felicidade de fazer parte, o escritor, cronista e professor doutor Francisco Aurelio Ribeiro. Aos meus confrades, na pessoa da jornalista e sagaz cronista Jeanne Bilich, e do Sr. Ítalo Campos, poeta e psicanalista, a quem agradeço especialmente pelas palavras gentis proferidas sobre a minha pessoa em seu discurso de apresentação deste novo membro à Academia Espírito-Santense de Letras. Garanto, meus caros acadêmicos, total empenho e dedicação para honrar a gloriosa tradição desta instituição. Aos senhores e senhoras que acompanharam esta solenidade, aceitem minhas desculpas caso os tenha enfadado com o excesso de palavras. A todos, quero externar os mais sinceros agradecimentos. Encerro esta cerimônia citando, mais uma vez, as palavras do imortal Marien Calixte.

José Roberto Santos Neves

Indagado pela jornalista Jeanne Bilich sobre sua visão de mundo, sua “filosofia de viver”, ele deixa transparecer em sua resposta – consciente ou inconscientemente – como gostaria de ser lembrado por aqueles que desfrutaram do privilégio de conviver com a sua doçura e sabedoria:

“O homem, como na ficção científica, é um mero objeto de experiência da natureza. Estamos aqui em experiência. (...) Mas, se dispormos de um pouco de lucidez - e creio, sem falsa vaidade, que eu tive um pouco de inteligência e sensibilidade que se somaram aos ensinamentos passados por minha mãe – então é possível fazer uma análise: e eu guardo a firme convicção de que estou muito feliz comigo mesmo! Porque, inclusive, pude também fazer outras pessoas felizes. E, talvez – quem sabe? – algumas infelizes. Principalmente, em decorrência da minha atividade profissional, o jornalismo, quando necessita-se publicar coisas que nem sempre agradam. Faz-se amigos e também inimigos! Mas, creio que semeiei mais para o bom, do que para o ruim. (...) Espero, sinceramente que eu esteja correto nesta avaliação, porque não gostaria de ter magoado tão profundamente algumas pessoas que chegasse a incomodar da minha bela sepultura.”

Marien Calixte, o filho do jardineiro, que, um dia, sonhou ser astronauta, se despediu de nós a 25 de dezembro de 2013.

Muito obrigado!